



O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 162
PREÇO 1\$00

Carta do Brasil UM INCIDENTE



OS Bancos, ali, são a flor. Os edifícios bancários são monumentos ao deus milhão. Há deles revestidos de mármore, encastoados em bronze, feérica-mente iluminados. Vi um de cristal. Eles estão de acordo com os números que a gente por lá ouve. Parece que todos sabem tudo da vida de cada um e assim jogam espantosamente com nomes e cifras. Um senhor vende metade dum prédio por 120 mil contos. Há um outro senhor que tem vinte deles de renda por dia. Aquele vale 400 mil contos e mais e mais e mais. Têm-se estes números fabulosos na ponta da língua e aonde quer se faz deles um pequenino sólheiro: *Olha fulano, olha sicrano*. E aí vêm histórias monstruosas, donde se fica com a impressão de que as grandes fortunas feitas por aquelas terras, trazem no ventre um pecado original... Como felizmente não conheço ninguém, posso fazer livremente os meus comentários e chamar infelizes aos que necessitam de tamanhas quantias para seu uso pessoal. Entesoiram, sim, mas não sabem para quem.

Cinemas nem é bom falar. Elès são o requinte. Os destinados à frequência da chamada alta sociedade, são os que levam a camisola amarela. Cinemas de luxo em bairros de luxo; *grande luxo* como lá se diz. Nunca se vê um só; são vários no mesmo sítio cada um a puxar pelo outro. Fitas portuguesas, raramente aparecem e dificilmente são exibidas. Em um país de língua portuguesa, com milhões de portuguesas, raramente se vêm na tela produções da nossa Terra.

É o americano. O americano é que tem as cartas na mão.

Os casamentos, são o ponto chique da vida social. Eu vi alguns. O templo onde o acto se realiza, veste-se por dentro de flores brancas. Os noivos seguem triunfalmente. A hora escolhida, é, em regra, o cair da tarde.

Mais gente nas ruas. Mais glória. Alguns carros apresentam-se profusamente iluminados.

Os noivos resplandecem. É a sua hora fugaz. Ninguém pode acreditar, já se vê, que tenha havido uma séria preparação ou que os noivos saibam realmente o que vão fazer.

Os convidados constituem novo assombro. Eu jamais tinha visto tal! Para quem tem o preceito de se contentar com a roupa e o pão de cada dia, não sei que outro mais salutar nos possa ser imposto, pois que aquele é do Apóstolo.

Eu ali vi outros preceitos. Tem necessariamente de haver naquelas terras actos desta natureza, aonde se veja e sinta a riqueza espiritual do Grande Sacramento da Igreja. Há-de haver sim. Mas eu não vi nenhum.

As missas altas é que são! A uma igreja aonde ia pregar, abri a porta de certa dependência e fechei de repente: *não é aqui* disse. Pois era sim senhor. Era a capela-mór. Estavam à missa. Antes de subir ao púlpito, perguntaram-me se eu queria luz. Não compreendi e não respondi; luz á quella hora? Mas chegado que fui a cima, compreendi. Havia focos instalados no púlpito. O pregadorzinho iluminado pelas costas! A luz a apagar a Luz!!

A casa aonde se encontrava instalado o Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios, em Coimbra, está condenada a ser demolida num futuro próximo, pelo que se julgou conveniente mudar. Já antes, por esta razão, tínhamos falado com o dono de uma certa casa, o qual, na maré, nos disse que não. Que não senhor. Mas os tempos andaram; isto foi há uns dois anos. Talvez o proprietário tivesse mudado de opinião; é próprio do homem fazer assim. Por outro lado, o actual locatário da referida casa, tinha envidado e por razões piedosas, não podia lá viver. Um dia falou-se nisso. O homem andava triste. O senhorio não o desonerava do contrato. A renda era muito alta e ele tinha de procurar outra casa, noutra terra; andava triste.

E uma sublocação? O dono da casa permitia. Não se lhe diria para quem era. Seria um colégio ou um internato. Houve uma carta do arrendatário ao senhorio a propor e outra carta deste ao arrendatário a consentir. Um truque! O senhorio não se esqueceu de aproveitar a ocasião para subir a renda, já se vê, e de dois e meio que até ali custava, passou a ser de três contos...

Mudamos para a casa. Eramos um internato. Diziamos bem na letra da carta. A casa reunia todas as circunstâncias; espaçosa, airosa, perto dos empregos e escolas. Tinha uma quinta anexa, aonde garantiríamos trabalho aos que nos procuram, enquanto se lhes não conseguisse trabalho fóra. Era para o bem da nossa Obra; a

menina dos nossos olhos; a sorte e o futuro de centenas e de centenas e de centenas de rapazes dos Reformatórios do País.

O senhorio, afinal, não mudara de opinião. Tanto que nos mostrou o seu aborrecimento, nessa hora lhe foi dito que sairíamos e saímos. Saldamos contas. Deixamos tudo em ordem. Ninguém se sujou. Adiante.

Não houve culpas de ninguém. Contrariamos uma vontade, por amor de uma quinta formosa para os nossos formosos rapazes. Eis. Andam pelo mundo verdades enlouquecidas.

Não me canso de saborear o gesto daquela mulher que uma vez, em Lisboa, entra num dispensário, oferece-se para tomar conta de uma criança enquanto sua mãe vai ao curativo, e rouba-lhe o filho! Ela quer um filho. Ela quer amar e rouba!! Os juizes absolveram. Andam no mundo verdades enlouquecidas.

Mas vamos agora ao que importa; vamos à doutrina. Muitas vezes põe-se o ramo numa porta e vende-se o vinho na outra. O barulho que se levantou à roda do supracitado incidente, foi somente por nós sermos quem somos. Fosse-emos nós um colégio de meninos galantes e ficavamos. A nossa Obra não. Não podemos ficar. Nós somos para muitos a sargeta. Somos a viela. Somos a crapula. Somos a loiça que o mundo suja e depois tenta quebrar. O vinho vende-se aqui.

Eu quero que os meus padres compreendam e aceitem e jamais desanimem.



EXCURSÕES

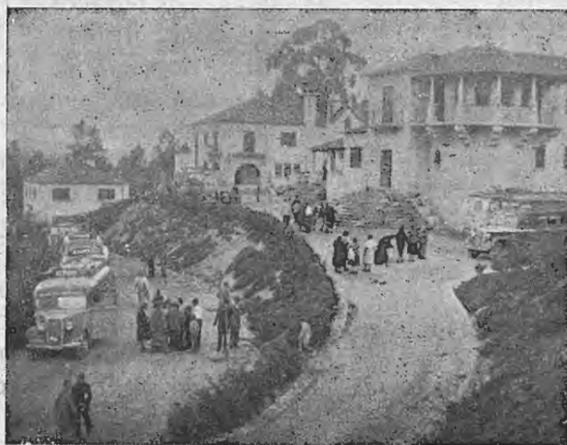
VEM lá o tempo delas. A poupa, o cuco, as andorinhas, trazem excursões. Abriu a época uma da Murtosa; é a segunda daquela gente tisonada e laboriosa. Eram duas camionetes uma de 35 e outra de 24 lugares. Traziam caixotas cheias de ovos tingidos, que se deitaram num cesto com o Bernardino de plantão; eram ovos tingidos... As cores tentam.

Traziam roupas. Zé de Arouca, mal vê os excursionistas, vai buscar uma caixa de esmolas e coloca-a sobre uma mesa redonda, na sala de entrada... É o cerco. Ninguém leva a mal. Todos acham graça, e dão; ele notas de 20\$, ele ditas de 50\$, ele moedas de todos os tipos e ele oiro da Rainha Vitória. Aqui é area de ester-

lino! Simplesmente admirável este povo da Murtosa. Vinha um engenheiro, vinha um doutor, vinham dois sacerdotes. Vinha um professor. Muita alegria, e a piedade de todos notava-se em seus olhos marejados. Também traziam meninos, mas tornaram a levá-los. Nem o oiro da Rainha Vitória! Nós temos pão, mas não temos espaço.

Depois da Murtosa, veio Espinho. Esta praia também marcou presença com duas camionetes. Viana do Castelo passou igualmente por aqui, no regresso de Fátima.

Não só d'estes, mas outros lugares distantes nos visitam grupos de todos os credos e posições. É a Caridade.



TIPOGRAFIA

O QUE NOS DÃO NO TOJAL

CÃES

E 100\$00 de um pecador do Porto. Dá graças a Deus por entrar na procissão pela 2ª vez e faz votos para que no Ano Santo que decorre, se complete o pagamento das máquinas, embora com o sacrifício de todos. Assim seja. E meia doze de uma mãe cristã. E 20\$00 de uma Jacista. Diz ela na carta que parece mal não irem Jocistas na procissão e por isso enfileirou. E Sangalhos. Atenção á bicicleta... E o assinante 12.668 do Lobito também vai. Co.no os senhores sabem, Lobito é em África. Levamos muitos africanistas na procissão. E um de Guimarães que torna a enfileirar com 20\$00. E Vila Moreira. E Viana do Castelo. E um leitor do Famoso de Lisboa; vai nas vezes de uma pessoa que muito adorava e que faleceu antes de se inscrever, tendo mostrado em vida esse seu grande desejo. E uma prestação de Esmoriz; é dum estudante ex-condiscípulo do Júlio. E o Negus que torna a vir. Ele é do Porto. E 65\$00 em pequenas moedas. E a Foz do Douro a comemorar mais um aniversário do seu casamento. E o assinante 4.966 que muito deseja enfileirar com sua mulher, a ver se mais um milímetro se avança. E uns noivos com meia doze. E Braga com doze e meia. E Lisboa. E Peniche com meia doze. E um casal de Moçambique a valer por dois; dois africanistas. E o Padre Manuel de Sangalhos na marca. Olhe uma bicicleta ó P.º Manuel Peça do altar. Não lhe fica mal. Eu já preguei no seu púlpito, mas nesse tempo não precisava delas. E o Senhor Abade de Palmeira. E o Porto. E uma prestação de 40\$00. E o assinante 1.093 de Cantanhede com meia ração. E duas prestações dum filho de provincianos. Mais três prestações de 20\$00 de um grupo de costureiras do Porto. E Teixoso na marca; é metade de uma gratificação. Tenho pena de não ter visto na procissão o nome da minha Terra. Não tenha pena. Não tenha pena nenhuma. O seu nome basta. O seu nome cobre todos os outros, tanto mais que se diz uma humilde assinante. E a Murtosa com meia doze. E um comunista do Porto, com doze inteira e manda igual quantia para os pobres do Barredo. E mais nada.

Se juntarmos estes mil e quinhentos escudos ao monte, ficamos nos 333.850\$00—em caixa; melhor, na caixa do fornecedor das máquinas. Ele vai esperando, enquanto a procissão marcha no passo que lhe é dado.

HORAS LANCINANTES

O nosso grupo foi jogar a Espinho. Era um domingo. Na segunda feira á tarde, deram aqui dois moicanos d'quela vila. Farrapos. Melenas. Vicio. Tinham rogado ao chefe do grupo que os trouxesse para a nossa aldeia, e como este o não tivesse feito, resolveram eles apresentar-se. Nota-se decisão. Nota-se neles o cansaço da vida que levam e o desejo dum melhor.

Não ficaram. Não ficaram e não desanimaram. De novo se

As nossas obras continuam a progredir. Os cunhais mais resistentes são trabalho dos empregados dos muitos escritórios de Lisboa. Que riqueza nacional até agora desconhecida! Fala-se deles na Assembleia Nacional, discutem-se decretos. Que tudo seja para bem.

Os funcionários dos produtos Pecuaris, entre si organizaram listas; a Direcção associou-se e remeteu-nos com palavras de regozijo um vale de 2.060\$, isto sem contar 900\$ que um deles veio trazer de assinaturas do Jornal.

Bem hajam! Os funcionários da Vaccum e Produtos Lacteos continuam a bater-se. Houve um momento de desalento que logo passou, não devido aos empregados mas aos que podiam dar —«esses nem se dignam pôr os olhos nisto. Creia que isto é produto de migalhas de pobres». São os pobres a ajudar os pobres. Dai o altissimo valor do que mensalmente nos mandam. Sim. Os Empregados são dignos de protecção das leis!

Os nossos Rapazes andaram a fazer nestes dias do campeonato da «Taça do Gaiato».

Foi nas Repartições que eles encontraram os seus melhores amigos.

Depois duma colheita, eu trazia o Chochas a meu lado no carro. Enquanto vinhamos a serpenfear pela Rua da Palma ele contava-me de como um senhor, numa Repartição, o tinha acompanhado por todas as secções pedindo golos, de como lhe tinha oferecido o almoço, do carinho com que o tratou e arrematava assim —ai que Senhor tão bom!

Continuavamos a girar pela Av. Almirante Reis, com toda a atenção no transito, mas de vez em quando ouvia-lhe o monólogo em surdina: ai que Senhor tão bom!

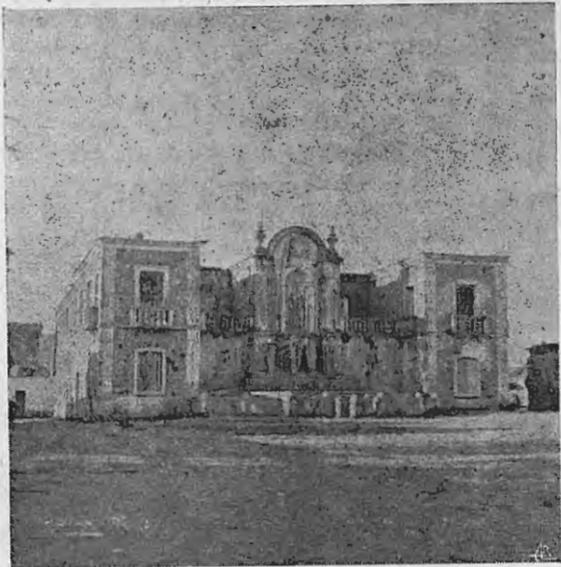
O mesmo se pode dizer dos Empregados da Assurance, Banco Espirito Santo da P. P. A. etc. etc.

A Mocidade Portuguesa mandou aqui uma enorme representação. O refeitório ficou cheio de embrulhos;

açúcar, arroz, brinquedos, roupas etc. etc. Ensinar contas e letras é muito pouco. As Mestras do Liceu D. Filipa de Vilhena vieram dar uma lição de Caridade. Sem esta, nada! Nós não somos nada.

Mais visitantes vieram desobrigar-se. Seixal, mandou uma peregrinação, o Instinto de Odivelas, outra. Ainda bem. Estamos no Ano Santo. Como os pobres não podem ir a Roma, vêm ao menos aqui. Mas o mérito não será menos. 25\$. de uma pecadora que deseja ver um mundo melhor: Roupas usadas de um menino que tem já 47 anos. Amêndoas, muitas amêndoas, no Montepio, aqui no Tojal em Bucelas—na Cecil. No Montepio escovas de dentes da Senhora dos 20 contos, revistas, livros escolares duma senhora que todo os trimestres lá deposita três embrulhos para o Tojal, Miranda e Paço de Sousa. Râquetes e bola de Ping-pong. Um boião de doce. Tudo muito bem. Mais assinaturas entregues aos vendedores do jornal, 20\$. "por alma de meu pai" 500\$. por parentes próximos, 108\$. de trabalhos insignificantes. 100 tubos de Proclina do Instituto Luso-Farmaco. Gravatas usadas, vidros e mais vidros da Covina, tintas da Fábrica de Sacavem, tintas A. Ferreira, que muito lamenta a concorrência das estrangeiras e nós também. Uma chocadeira, etc. 150\$ da quermesse organizada em casa por uma pequenita de 6 anos; roupas usadas. Da Igreja de Fatima mais o rescaldo de 100\$00 e 150\$ e a visita do Rev. Clero da mesma e doutros com 200\$ e 100\$ e 50\$ e 20\$. Mais no Banco F. S. 50\$ dos Registos, da C.ª Predial e muitas outras coisas que se não pagam nem é possível mencionar, como almoços aos vendedores do jornal, palavras de orientação, portas que se lhes abrem etc.

Lisboa deixou de ser cidade morna; se não chegou à fervura, já pouco falta. Os Gaiatos já andam na boca de toda a gente. Eles no Estádio, eles nos comboios, eles nas igrejas... eles na Bola!



Nós somos herdeiros de destroços; é ver estes restos [de esplendor do Tojal. E] também somos herdeiros [de destroços humanos, que são os mais difíceis de levantar. Mas Deus ajuda. Ele opera as maravilhas do ressurgir. É Ele.

expansão. Não temos terrenos. Não temos ajudas qualificadas.

Mas ainda há mais. Mais culpa; a teimosia em pedir e fazer convergir ás nossas casas o rapaz que não é das nossas casas.

E há pessoas inteligentes e preponderantes que o fazem! Pois são eles os culpados de que a gente não possa abrir as portas ao que legitimamente as procura. Este caso de Espinho ilustra.

Os dois não. Não se foram os dois embora.

Ficou um. Ficou o da história mais negra.

Que Deus nos ajude!



O CORREIO deixou uma carta que trazia por fora ao Benemérito e Compassivo P.º Américo, tendo eu exultado com estes atributos, Benemérito! Compassivo! Fiquei contente e dei-me pressa em abrir. Ei-la:

Sr.

Acabo de ler no seu jornal o caso do pobre cão.

Fazer mal aos animais é indício de mau carácter. Efectivamente é preciso ser muito mau para levar um cão esfomeado (que tem a mesma necessidade de comer que você) no luxo de um 'Morris', a morrer ao abandono no alto da Serra de Valongo! E é você um padre! S. Francisco de Assis chamava aos cães seus 'irmãozinhos inferiores' e você vê neles apenas lácras.

Amaldiçoado seja quem assim anda iludindo o próximo, com espectacularidades trapalhonas! Ao menos deixasse o cão numa pobre aldeia onde um pobre de coração lhe alimentasse a fome com um caldo, com a piedade do coração, que é uma coisa que você não tem. O Sr. é mau. É mesmo um doente, é mesmo um tarado e a prova da sua taradomia está no despropósito de mencionar em letra redonda a sua crueldade noticiando o 'feito'!

OBSERVER FARIA

Em primeiro lugar, tenho a dizer que não era cão; parecia mas não era. Era uma cadela. Uma cadela preta. Sempre gostei e gosto das exatidões. Uma cadela. Devo explicar-me bem, porquanto, tenho recebido outras de outros Um é das Caldas e escreve em verso:

« Tu que tens cara de frade,
« Américo, és um mau padre
« Cá ficas na minha lista
« Por um grande vigarista.

Este é o ultimo de muitos versos de que a carta se compõe. Peço desculpa de os não publicar todos; seria um jornal a falar só de cães.

Mas nós já vamos a caminho da perfeição. Que os amigos dos animais se não danem. Nós já estamos a construir estabulos para as nossas vacas e ao depois vêm os cães. Uma pousada e um hospital e um cemitério para eles e para elas. Tudo como manda o código. Já tomei alturas em Lisboa. Ali é um amor. Ele enfermaria e maternidade. Ele instituto de beleza. A cozinha do hotel, os quartos, as salas, os terraços. O grande parque com arruados, debuxos, sombras, flores. Uma piscina forrada de azulejos, tentadora. Fica a gente com pena de não ser cão! Eu estive e sentei-me num banco dos jardins e vi. O cemitério também. Cemitério para eles e para elas, já se vê.

As flores roxas, os inhos e inhas de letreiros funéreos, alguns em verso. A ternura. Dá vontade de chorar! Pois aqui vai ser tudo na

(Continua na pág. Seguinte)

Nota da Quinzena ≡ F U T E B O L ≡

A VENDA DO JORNAL

Os nossos pequenos vendedores, não recebem sempre e de todos o beijo de simpatia.

Não recebem. Agora e logo, também levam o seu empurrão. É engraçado ouvi-los, no regresso da venda, quando eles trazem para narrar episódios d'esta natureza. Eles contam o que lhes é dito e também a maneira como respondem.

Há dias, um senhor repeliu asperamente: com padres não quero nada. O pequeno vendedor continua a fornecer o seu artigo. Que sim, diz ele. Que está bem. Mas os padres dão-me de comer e dão-me educação e o senhor não me dá nada.

O homem escutou e retirou-se, no dizer do meu informador. Ninguém sabe o que lhe foi na alma. As coisas do espírito, só o espírito dá fé d'elas. Ninguém sabe. Mas é possível que na próxima quinzena ele nos compre o jornal, levado pela eloquência do pequenino pregador, sobretudo aquela palavra educação; dão-nos educação. Esta operação que é tão difícil e que o rapaz enfaticamente pronuncia; esta palavra, digo, pode muito bem levar aquele descontente a grandes e altas resoluções.

Nós, os padres da Igreja, somos o grande mal. Há muitos que pensam fazer bem á Humanidade, eliminando a nossa acção de entre os homens. Este conceito anda pelo mundo. Tem louvores. É aplaudido.

Que fazer? Como nos podemos nós inculcar? Nós os padres da Igreja; como?

Deixar que as crianças falem. Deixar que os rapazes da rua preguem nas ruas. O dia em que muitos e muitos e muitos d'elles sejam por nós postos em condições de falar como este falou, temos feito cristandade em Portugal. Pouco vale o que nós, padres, pregamos nas igrejas. Não é pela doutrina; ela é do Pai Celeste. É que não nos escutam. Mas nas ruas sim. Traduzir a doutrina em obra e colocá-la na rua, sim. Eles dão-nos de comer e educação. Oh eloquência!

CÃES

mesma. Mal acabem as obras dos estabulos, [e vai-se dar começo.

Que eu ia cometer uma grande falta, sim. Eu ia começar um bairro! Que tolice!! Na minha boa fé, cuidava eu que ao rapaz de boa vontade, a este nosso rapaz que recebe bem, que se esforça, que deseja ser. A esta sorte de rapaz, digo, cuidava eu que nada se daria enquanto se lhe não desse uma casa sua. E ia tentar construir um bairro!! Em boa hora veio o aviso. Eu descurava os cães. Os caezinhos. Os lulus da trela; da guita. Só um taradô



G. D. «O GAIATO» 2 — SPORTING CLUB DE ESPINHO (JUNIORES) 1
(AO INTERVALO 0-1)

ANTES DO ENCONTRO

tempo ao largarmos da Aldeia, encontrava-se magnifico. Lindo dia de Primavera! Sol brilhante, muito calor. Ausentámo-nos com aparente nervosismo. O jogo, era de prever, seria renhido, difícil. Mas, a nossa malta, depressa espalha os nervos, e dá-nos a ideia da turma da Briosa, sempre alegre e galhofeira. Alegria, só alegria! Esqueciam-se quase por completo das responsabilidades... O Espinho, era um grupo que tinha feito um campeonato e os nossos desportistas poderiam recear uma derrota. Mas qual tristesa... Isto é desporto; são e educativo, unicamente com o fim de prestigiarem a nossa Obra, por intermédio destas pugnas. Simplesmente formidável.

O JOGO EM PORMENOR

Os grupos formaram: G. D. «O Gaiato»: Carlos; Jacinto, Sergio e Prata; Silvae Amadeu; Adriano, Elvas, Camilo, Gari e Moreira. Sporting de Espinho: Fernando; Salvador, Quintas e Costa; João e Albano; Cesar, Vala, Dário, Monteiro e Foriano.

As cinco e trinta e oito, o juiz de campo apita para a bola de saída e a mascote do nosso agrupamento, o pequeno e extraordinário Manel, chuta o clássico pontapé.

Os Gaiatos nos primeiros minutos forçam a defesa contrária a trabalho aturado, mas nota-se de ambos os lados dificuldade em acertar. E desta feita, o extremo Moreira perde uma optima oportunidade de marcar ponto. Seguidamente, acentua-se o nosso dominio territorial e o guarda-redes espinhense vê-se forçado a executar uma grande defesa a soco, num vôo espectacular.

Passaram 10 minutos, e eis que Carlos defende, sem a segurança que seria essencial, parecendo-nos indeciso. Para atenuante, devemos notar que a forte nortada que soprava, dificultava imenso o trabalho deste sector. Por isso, aos 29 minutos, Monteiro do Espinho, iniciou a contagem marcando a primeira e unica bola do seu grupo.

2ª. PARTE

As 6 e 19 recomeço da pugna e novamente o esférico no circulo central, pertencendo desta vez aos nossos leais adversários. O marcador desfavorecia-nos, pelo que obrigou os briosos rapazes que nos representavam, a reagir de modo que o estado de coisas se modificasse.



Os nossos rapazes...



Os Espinhenses...

O jogo decorre animado e outra vez um ataque em forma da nossa equipa (num perfeito bloco). Seguidamente, Sergio, que se encontrava a meio campo, recebeu o esférico, e instantaneamente, sem o mesmo cair no solo desferiu um grande pontapé; e a bola descrevendo a sua trajectória anichou-se nas balizas do grupo visitado. Estava construído o empate, caminho aberto para a vitória. Eram precisamente 7 minutos depois do recomeço.

Passaram 22 minutos e o irrequieto Gari, que em tudo se assemelha ao pequeno-grande Albano, chutando em forma, logrou o resultado merecido a todos os títulos e aceitável pelo decorrer do encontro, 2-1. Daí em diante, os sportinguistas de Espinho, lançaram-se furiosamente ao ataque, obrigando a nossa defesa a trabalho exaustissimo; intervindo o Carlos em cinco defesas quase intuitivas, salvando-nos duma possível derrota ou empate.



COMENTÁRIOS

GAIATOS

Praticamente, nada mais há a acrescentar, pois todos fizeram por cumprir na razão directa das suas forças. Como se disse, a defesa fez trabalho de realce. Carlos começando mal terminou no seu melhor. Sérgio como sempre. Jacinto um caso à parte. Defesa que enquadra admiravelmente no jogo moderno. O discutido tema... Arrancando, corajosamente, não deixando campo livre ao adversário que lhe cabia. Quanto aos médios, Amadeu exibiu-se com merecido realce. Silva, um pouco abaixo do que foi em tempos... Que será? Os avançados, todos quiseram cumprir, mas não atinaram devidamente com o caminho das balizas. Aguardamos que os interessados para o próximo encontro na Constituição, consigam uma formação atacante mais sólida e eficiente. Vamos ver. Em suma, globalmente, qualquer deslize foi compensado pela maneira como o grupo se defrontou. Agora até ao campo dos azuis-brancos, e queira Deus que se retirem vencedores. E se vencidos, acaitem com resignação, verdadeiro espirito de equipa e desportivismo, o peso da derrota.

ESPINHENSES

Quanto aos adversários, acima de quaisquer referencias, queremos aqui vincar com verdadeira cordialidade e no mais elevado espirito de camaradagem e desportivismo, a maneira correcta e leal como se souberam desempenhar do seu lugar. Daqui lançamos com profunda sinceridade as nossas saudações desportivas.

Relativamente ás suas qualidades

Zé d'Arouca chegou a casa muito triste, por causa da cunha: não valeu de nada, disse. Pois eu cá fiquei mas é contente. Muito contente por a cunha não ter valido. Havia de ser sempre assim, com todos os negócios, em toda a parte aonde chegasse a sombra da bandeira portuguesa. Nem metê-las, nem aceitá-las.

Mas em compensação o Albertino vinha contentissimo, e a primeira coisa que me pergunta é se na próxima quinzena lá pode tornar a comer. Notem os senhores a ansia:—comer. Horas de paz! Albertino, é um dos nossos que gasta poucas palavras. Só responde ao que se lhe pergunta e parcamente, mas desta vez não. Desta vez foi efusivo. Vendeu à beira de 150 jornais e almoçou à mesa dos senhores. Foi pescada com azeitonas, disse.

O Manuel Risonho anda todo contente por lhe constar que a Caixa dele vem à nossa aldeia em passeio. Ele é todo ciumento da sua Caixa. Nunhum vendedor lá põe os pés. Desta vez trouxe um assobio: olhe é de ferro. Não é nada; E' de chumbo. Enquanto ele durar, más horas tenho de passar... Peço aqui ós senhores da Caixa que olhem pelas suas coisas e me deixem em paz.

Faisca também, fala-nos do Banco, deles virem cá por estes dias. Eles é que trazem. Eles é que arrastam. Eles é que fazem chorar! Ontem estive nos Correios do Porto; fui ali como qualquer mortal, tratar de um negócio. Daí a nada, encontrei-me bloqueado. Era o pessoal, alegre e curioso e generoso. Todos me deram das suas migalhas. Foi-se a ver e não era eu. Não era nada comigo: O Abel já cá esteve hoje. Eis. Eis o segredo. É o Abel. Eles é que fazem chorar.

O Faisca também me fala

(continua na quarta página)

futebolísticas, agradaram-nos; apresentando uma linha defensiva bastante sólida e consentido os dois pontos, que nos deram a vitória, em circunstâncias que tiveram de ceder. E' assim o futebol... O sector médio fez por cumprir. Apenas os avançados se notaram pouco eficientes. Ressentiriam o nosso sistema defensivo? E' possível. Em conjunto, possuem uma equipa fisicamente bem constituída, com valores a aproveitar.

ATENÇÃO PORTUENSES



É no dia catorze de Maio, no glorioso campo da Constituição, que foi pisado pelos grandes azes que foram Pinga e outros, que os nossos voluntariosos rapazes se apresentam de novo em público, para que os nossos particularmente amigos portuenses, os vejam e conheçam mais de perto. Contamos com a vossa generosa presença. Sempre dispostos a nunca regatearem aplausos a quem os merece devidamente. Até lá, aguardamos a vossa resolução. E um muito obrigado em nome da nossa malta, pela vossa inegalável presença.

Espectador

ISTO É A CASA DO GAIATO



TÊM-SE registado ultimamente vários desastres, em virtude da furiosa actividade das bicicletas de pau, nas horas do recreio. Não é por excesso de velocidade; é falta de equilíbrio. O fabrico d'elas não é ainda perfeito. O Norberto despenhou-se por uma ribanceira abaixo. Um outro ciclista, que dava boleia a um *Batata*, fez mesmo, tendo este ficado muito maltratado. Casos mortais não tem por enquanto havido, felizmente, nem se esperam.

Cete agora não é Cete. Já não é mais o Cete de antes; é o Silva. Assim o declarou ele e todos aceitaram e chamam-lhe Silva. *Senhor Silva*. O Moléstia, também anda a querer largar a pena. Ele já fala nisso. Espero dentro em breve poder comunicar aos meus assíduos leitores este acontecimento. Regra geral, é com o bigode que lhes vem o desejo de serem tratados pelo nome do baptismo e nunca mais se lhes chama por outro. Haja em vista o Moreira. Já há mais de um ano que não é *Piriquito*.



O nosso torneiro encontra-se actualmente a praticar em uma fundição, nos arredores do Porto. Foi a paixão do torneiro que o levou a procurar trabalho fora de casa. Fosse a tua como a d'ele, e nós teríamos em casa o torneiro mai-lo torneiro. Mas não. Os homens, regra geral, só se apaixonam pelo que é seu.

Sai de casa de madrugada com o jantar dentro de uma formosa caixa de castanho, que lhe fez um irmão carpinteiro. O cozinheiro de semana, tem o cuidado de a condicionar a panela de sopa e tacho de conduto, a tempo e horas, esmeradamente. E' para um seu irmão.

A noitinha regressa. Já torneiro, disse-me ele ao segundo dia de aprendizagem. O mestre disse-me

que a minha obrigação é espreitar, continua ele, mas eu tenho pedido ao oficial do tórno que me deixe mexer naquilo e já trabalho.

O rapaz poderia dulcificar o seu trabalho instalando-se no nosso Lar do Porto, como tantos que ali estão, de onde lhe seria mais facil a carreira. Mas ele não quer assim. Prefere levantar-se de madrugada, levar a comida no cesto, vigiar-se, fazer-se por suas mãos. Isto é admiravel.

AGORA são grilos. Os primeiros caçadores foram no domingo passado aos montes e vieram cheios d'les. Cheinhos. Desencantaram uma data de caixas, das que trouxeram peças de fitas para as pastas da Queima das ditas, furaram as tampas com um prego e encheram-nas de grilos. Agora são grilos nas camas, no refeitório, na escola, nas oficinas, na capela; imensidade de grilos. Há menino que leva o dia inteiro sem largar a caixa da mão! Até aqui, nada de novo. Todos os anos assim acontece. O pior foi uma nova que este ano aconteceu. Fiquei sem o meu remedio. Eu ando a tomar *Promeuril* do laboratorio Benfica. O Norberto, que é muito meu amigo, não se esquece de colocar a caixa sobre a mesa, a todas as refeições, e também se não esquece de me lembrar, quando vê que o não faço: *olhe o remedio*. Pois ontem, andando eu na avenida a colher os amargos frutos d'esta empresa, aí vem Norberto com o *Batata velha* pela mão e na outra a caixa do meu remedio, vazia! Sim; amargos frutos. *Batata velha* tinha um grilo que lhe dera um seu amigo, mas não tinha caixa e o resto já se sabe...

Fiquei sem o meu remedio! E' *Promeuril*. E' do laboratorio Benfica. Talvez os senhores venham a ler e se compadeçam e mandem. Oiço dizer que os Laboratorios estão até mais não. São eles e os Bancos e as Caixas; todos até mais não.



ESTEVE aqui há dias uma visitante a quem Zé d'Arouca andou a mostrar e no fim

também lhe quis mostrar o seu armário: *venha ver agora as minhas coisas*. A senhora notou que o rapaz trazia a chave do armário suspensa de um barão, e depois de ver as *suas coisas* com a devida atenção, prometeu-lhe uma corrente. Não se esqueceu. Estiveram ontem aqui visitantes de Lisboa que passaram pela Mealhada e eram portadores. Chamaram o Zé d'Arouca e fizeram entrega, lealmente. Mas o que assombra é isto que se vai contar: como na Mealhada não se encontrasse á venda uma corrente de chaves, a senhora que a prometera vai de proposito a Coimbra, 18 quilómetros, comprá-la! Despesa, incomodo, tempo. Que importa? A criança pode tudo. A criança vence. A criança impera. Por um segredo de piedade divina, os que não têm pais, como este, arrastam, sem violencia!

Até aqui muito bem. O pior foi o *Pirulas*. *Pirulas* está hoje no Porto, mas no dia em que esteve cá a senhora da Mealhada, era ele da comunidade de Paço de Sousa; e quis a sorte que nesse mesmo dia, uma outra visitante promettesse também o *Pirulas* uma corrente de chaves. Ora Zé d'Arouca, apresenta-se com a sua, no dia da última venda, e faz constar. Todos olham e apalpam e admiram: *que sorte! Pirulas viu, apalpou, ouviu a história da senhora, e concluiu: ela é mas é minha*. O resto não se pode dizer. Ficaria mal ao bom nome da nossa Obra..!

HOJE, primeiro de Maio, começou o mês de Maio. Resumido. Uma pequenina leitura ou uma pequenina alocução, conforme é um rapaz ou um padre que o faz. Hoje fui eu. Tomei por tema *Mae Clementissima*. Começo a falar e aí vêm os grilos. Grilos a cantar. Notei que breve se calaram e eu fiquei todo contente. No fim da devoção soube como as coisas se passaram. O Faisca, tinha ido pôr os grilos d'ele a um cantinho da capela-mor. Estes começaram a cantar. Abel compreendeu o meu embaraço e acudiu a tempo. *Ele foi calá-los*, disse o Faisca, *senão é que era!*

outros. Chegamos a casa, diziam uns para os outros: Ai minhas ricas pernas, já não torno a dar passeios destes a subir e a descer montes, isso é só para quem não trabalha!



O Norberto é um dos mais falados. Como sabem, ele tem sido e ainda hoje é o refeiteiro dos grandes, aonde eu também como. Hoje foi visto de bicicleta de pau, a horas fora da lei; e foi perguntado. O chefe perguntou. Ele disse ó chefe e eu vou dizer ós senhores. Depois de servir o café a uns desoito rapazes, vai ao terreiro e traz na mão um pintainho que coloca no chão ao pé das mesas. O pintainho pia e a mãe acode, com mais catorze d'eles. Os quinze mai-la mãe limpam todas as migalhas do refeiteiro, que era justamente o que o rapaz pretendia; e enquanto o fazem, ele aproveita um giro na sua bicicleta. Ora eis.

Nada de extraordinario. Nada em falta. É a lei do minimo esforço posta em prática, tal qual nós fazemos.

Quando hoje perguntei a um qual a razão do pé entrapado, logo êle ma deu: *Ando a criar uma creadela*.

O que nos vale é o *Molestia*. O *Molestia* é tão mestre em criadelas, que nem as deixa crear. O doente ia precisamente ter com ele, para obstar.



ONTEM à tardinha, deram aqui dois pequenos moicanos de Espinho. Nem quis ouvir a historia. Desandaram.

Hoje de manhã, ao sair da capela, dou de cara com um automóvel e uns senhores e uma carta a implorar por um rapaz. Nem quis ler. Mandeí tudo embora. Horas depois, outro automóvel e uns senhores e um menino em carne e ósso. Não olhei. O Avelino chega com o correio. Como sempre acontece, ele toma o «Comércio» enquanto eu abro. Cartas e cartas e cartas. Sete d'elas gemiam e faziam gemer. Arquevei. Isto é tal qual, desde o dia 1 de Janeiro até o dia 31 de Dezembro.

VENDA DO JORNAL

da *Tranquilidade* com muita devoção: *ali é que é despachar!* Zé d'Arouca conta mais coisas do seu amigo da C. U. F. Do do *Boavista*, que lhe deu 10\$00 por cada goal contra o *Oriental*. Foram 4 deles. Abel, trouxe de Braga um grande lagarto com um preto a cavalo nele. *Olhe a boca que ele tem*, — e abre-lhe as fauces. Foi uma senhora, disse. Manel Risinho, que estava ao pé a ver a boca do lagarto, não se deixou vencer; e a mim deram-me isto, *olhe*. Era um par de meias. Além do assobio, que me mostrara antes do Abel mostrar o lagarto. Tomar, trouxe roupa. Do Pomar de Santa Catarina, tenho sempre novidade de fruta, todas as quinzenas. As primeiras cerejas que este ano comi, foram de lá.

NOTICIAS DA CASA DE MIRANDA

1 No dia 25 de Março fomos dar um passeio ao Cabeço, uma serra próximo de Almalaguez. O passeio agradou-nos muito. Comemos lá a merenda e foi no ponto mais alto da serra. Quando regressámos vinhamos cansadíssimos visto a serra ser muito alta. Os dois mais pequenos que são o Barraio e o Lamadóna também foram; eles choraram muito e tivemos que os trazer às costas. Descemos uma serra e tivemos de atravessar um ribeirozito, e depois subimos um monte, até que chegamos a uma estrada que vinha ter a Miranda. A merenda foi pão e chouriça. Depois viemos pela estrada abaixo na brincadeira uns com os

2 No dia 29 do mês passado realizou-se o baptizado do Jorge. O Sr. Padre Luís para festejar o facto deu à rapaziada rebuçados e vinho. Depois seguiu-se a festa a cantigas. Primeiro cantou a mesa do Joaninha, depois a do Gil, e assim sucessivamente. Passado 10 minutos foi o Pião ao meio cantar. *Eu vi a Amélia...* e depois não foi mais ninguém cantar. E assim terminou a festa que todos gostaram. Uns até diziam: Ai quem me dera sempre baptizados para comer e beber vinho. Mas não pode ser sempre. A Madrinha foi a Sr.^a D. Angela, que é a senhora que está a governar a nossa casa e o Padrinho foi S. José.

O Porto

NO primeiro número, tenciono fazer um relato tin tin por tin tin, de como foi a jornada da Queima das Fitas para a Casa do Gaiato. Sim. Hei-de dizer. Por hoje basta que destaquemos a imensa capacidade dos *Tripeiros*; pois que tendo sido este da Queima o terceiro peditório dentro de uma semana, o Porto disse que sim. O Porto não se enfada. O Porto deu a passar de quarenta contos! Bem merecia o Porto ser uma cidade autonoma e comer pelas suas mãos.